

“Todos em farrapos”: o circuito sintomático produzido pela segregação social na modernidade

Natália Sena

Resumo

A partir do poema “Olhos dos pobres”, de Baudelaire, o presente artigo tem como objetivo pensar como as cidades modernas, produzidas por grandes reformas, e seu consequente efeito de segregação social impactam os processos de subjetivação. Partindo da compreensão das dimensões estrutural e histórica, visamos a demonstrar a constituição intrínseca entre sujeito e sociedade, e discutir como a circulação dos afetos é condicionada pela via do discurso, essa compreendida como a síntese das duas dimensões, tendo como objetivo a produção de certo tipo de subjetividade consoante a seu tempo histórico. Por fim, propomos uma nova sensibilidade fundada a partir dessa emergência do conflito de classes, tão presente na experiência urbana moderna.

Palavras-chave:

Modernidade; Segregação; Discurso; Afetos.

“All in tatters”: the symptomatic circuit produced by social segregation in modernity

Abstract

Based on Baudelaire’s poem “Eyes of the Poor”, this article aims to think about how modern cities and their consequent effect of social segregation impact on the processes of subjectivation. Starting from the understanding of the structural and historical dimensions, we aim to demonstrate the intrinsic constitution between subject and society and discuss how the circulation of affects is conditioned by the route of discourse, this understanding as the synthesis of the two dimensions, with the objective of producing a certain type of subjectivity depending on its historical time. Finally, we propose a new sensitivity can be based on this emergence of class conflict, so present in the modern urban experience.

Keywords:

Modernity; Segregation; Discourse; Affections.

“Todos en harapos”: el circuito sintomático producido por la segregación social en la modernidad

Resumen

Basado en el poema “Los ojos de los pobres”, de Baudelaire, este artículo tiene como objetivo pensar cómo las ciudades modernas y su segregación social impactan en los procesos de subjetivación. A partir de la comprensión de las dimensiones estructural e histórica, pretendemos demostrar la constitución intrínseca entre sujeto y sociedad y discutir cómo la circulación de los afectos está condicionada por el recorrido del discurso, entendida esta como síntesis de las dos dimensiones, con el objetivo de producir un determinado tipo de subjetividad. Finalmente, proponemos una nueva sensibilidad a partir de este surgimiento del conflicto de clases, tan presente en la experiencia urbana moderna.

Palabras clave:

Modernidad; Segregación; Discurso; Afectos.

« Tous en haillons » : le circuit symptomatique produit par la ségrégation sociale dans la modernité

Résumé

Basé sur le poème « Les Yeux des pauvres » de Baudelaire, cet article vise à réfléchir à la manière dont les villes modernes, y son effet de ségrégation sociale, impactent les processus de subjectivation. Partant de la compréhension des dimensions structurelles et historiques, nous visons à démontrer la constitution intrinsèque entre sujet et société et discuter comment la circulation des affects est conditionnée par le discours, cette compréhension comme synthèse des deux dimensions, avec l’objectif de produire un certain type de subjectivité. Enfin, nous proposons une nouvelle sensibilité à partir de cette émergence du conflit de classes, si présent dans l’expérience urbaine moderne.

Mots-clés :

Modernité ; Ségrégation ; Discours ; Affections.

Introdução

As experiências de desigualdade e segregação social são características patentes do novo tempo do mundo caracterizado como modernidade. De Marx a Baudelaire, os grandes pensadores da modernidade compactuam com o entendimento de que a queda das grandes narrativas, com suas respectivas justificações para as prescrições da conduta humana, promoveu o desvelamento da dinâmica estrutural em curso desde o advento do capitalismo industrial. Giddens (1991, p. 10), importante sociólogo e pensador da modernidade, ressalta: “Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem, de uma maneira que não tem precedentes.” Ao mesmo tempo que há o advento da ciência e um reposicionamento da concepção de humanidade, o sociólogo demonstra como a produção de desigualdades é também um resultado intrínseco do advento do moderno. Intensificam-se a lógica de expansão do capital, necessária ao funcionamento do capitalismo, e, com ela, as desigualdades sociais, igualmente fundamentais para a evitação do colapso econômico. Pelo discurso moderno que louva o novo, a meta da globalização, na verdade, visa à expansão dos mercados, levando em seu bojo a demanda por mão de obra cada vez mais barata (Giddens, 1991).

Se, por um lado, as luzes da cidade moderna ofuscavam e maravilhavam os pedestres a caminhar pelas novas vias abertas para o tráfego, por outro essas mesmas luzes iluminavam o que as classes historicamente abastadas não queriam saber nada sobre. Enquanto a indústria moderna apagava o sujeito com a prescrição de condutas uniformes (de indumentária, cujo nome, não por acaso, representa sua intenção de uniformizar as diferenças; seu ritmo de trabalho, imposto pelo deslizar da esteira; seus movimentos uniformemente repetidos, como bem nos mostra Chaplin, apenas para elencar alguns exemplos), Marx saca, justamente, o que apenas a uniformidade e as luzes do século XX poderiam nos revelar: a divisão de classes da sociedade e a orientação direcionada ao lucro da burguesia.

Nessa báscula dialética, entre estrutural e histórico, individual e coletivo, a psicanálise nos vale como importante ferramenta epistêmica para pensar os efeitos da segregação no processo de formação do sujeito e sua incidência na economia de gozo estruturada e estruturante pela via do discurso. Não são estranhas à psicanálise as noções de cisão e conflito, sendo essas as referências fundamentais quando pensamos o inconsciente freudiano e o nosso. Muitos dos poemas em prosa de Baudelaire, um dos grandes romancistas da modernidade, versam sobre o conflito, tipicamente moderno: erige-se, por um lado, o brilho dos novos bistrôs e cafés inaugurados às margens dos grandes bulevares recém-construídos

após a grande renovação urbana¹ de Paris, promovida por Haussmann, durante o Segundo Império francês; por outro, a pobreza, encarnada nas famílias de andarilhos, que, desalojados de suas antigas moradias para dar espaço ao curso da reforma em prol da modernidade (Benjamin, 1995), retornavam no real das cidades como anamorfozes em um quadro de perspectiva geométrica rigorosamente calculado para promover uma experiência estética do belo.

Seu poema “Os olhos dos pobres”, publicado entre os anos 1855 e 1864 no jornal *Le Figaro*, o jornal de maior circulação em Paris à época, retrata essa experiência de confrontação com a pobreza desterritorializada pelo passo segregatório da modernidade e os efeitos dessa topada nas amarrações simbólico-afetivas dos sujeitos urbanos. Sigamos o eixo central do poema de Baudelaire:

No fim do dia, um pouco cansada, você quis se sentar em um novo café na esquina de um novo bulevar, ainda sujo de restos de material de construção e já mostrando gloriosamente seus esplendores inacabados. O café resplandecia. O próprio gás espalhava ali todo o ardor de uma estreia e iluminava com todas as suas forças as paredes de brancura ofuscante, as superfícies faiscantes dos espelhos (...).

Plantado diante de nós, na calçada, estava um bravo homem com seus quarenta anos, de rosto cansado, barba grisalha, trazendo pela mão um menino e no outro braço um pequeno ser ainda muito frágil para caminhar. Ele desempenhava o ofício de babá e levava as crianças para tomarem o ar do fim de tarde. Todos em farrapos. Estes três rostos eram extraordinariamente sérios e os seis olhos contemplavam fixamente o novo café com a mesma admiração, mas nuançada de modos diferentes pela idade. (Baudelaire, 1855-1864)

A confrontação de um jovem casal de amantes, em pleno enamoramento, com uma família de pobres inaugura um conflito interno no narrador. O dia idílico de passeio pelas belas novas construções erigidas pela economia moderna termina com um desencontro promovido pelo encontro *tíquico* com o real da pobreza, que não cessa de não se inscrever no cenário urbano moderno:

1 Tal acontecimento não nos é estranho: o Rio de Janeiro foi palco de uma iniciativa inspirada na reforma urbana parisiense. Liderada por Pereira Passos, entre 1903 e 1906, a cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, passou por uma grande remodelação. Uma das principais avenidas da cidade, hoje batizada de Rio Branco, foi aberta pela empreitada. Os efeitos da reforma são sentidos ainda hoje, corroborando o conflito levantado por Baudelaire: as favelas cariocas surgem justamente dessa remodelação da cidade, que destruiu os cortiços em prol da modernização de suas vias.

Não somente essa família de olhos me enternecia, mas ainda me sentia um tanto envergonhado de nossas garrafas e copos, maiores que nossa sede. Voltei os olhos para os seus, querido amor, para ler neles meu pensamento; mergulhava em seus olhos tão belos e tão estranhamente doces, nos seus olhos verdes habitados pelo Capricho e inspirados pela Lua, quando você me disse: “Essa gente é insuportável, com seus olhos abertos como portas de cocheira! Não poderia pedir ao maître para os tirar daqui?”
Como é difícil nos entendermos, querido anjo, e o quanto o pensamento é incomunicável, mesmo entre pessoas que se amam! (Baudelaire, 1855-1864)

Não há relação sexual

Desde o princípio de seu ensino, Lacan deposita no simbólico, principal e única marca distintiva do ser humano, o registro da falta, do desencontro e da incompletude, nitidamente manifestos no poema, que escancara a impossibilidade da relação sexual, como será abordado em profundidade adiante.

Diante da única possibilidade que resta ao ser fal(t)ante, a saber, recorrer ao Outro da linguagem para ter acesso a esse órgão amboceptor capaz de fazer existir a equivalência entre sujeitos como último recurso para o fazer existir a relação-proporção, o sujeito destina-se a ser cindido pela inscrição do simbólico em sua carne. O ser de gozo não cabe no *falasser*, a não ser por intermédio do discurso (Lacan, 1969-1970/1992). A “libra de carne” que o sujeito cede ao entrar na linguagem, ou seja, a perda da possibilidade de acesso a um gozo pleno, formalizada por Lacan na metáfora da escolha forçada entre “a bolsa *ou* a vida” (Lacan, 1964/2008), não pode ser recuperada, e resta-nos o campo simbólico, com sua respectiva incompletude. Nas palavras de Lacan:

Duas faltas aqui se recobrem. Uma é da alçada do defeito central em torno do qual gira a dialética do advento do sujeito a seu próprio ser em relação ao Outro — pelo fato de que o sujeito depende do significante e de que o significante está primeiro no campo do Outro. Esta falta vem retomar a outra, que é a falta real, anterior, a situar no advento do vivo, quer dizer, na reprodução sexuada. A falta real é o que o vivo perde, de sua parte de vivo, ao se reproduzir pela via sexuada. Esta falta é real, porque ela se reporta a algo de real que é o que o vivo, por ser sujeito ao sexo, caiu sob o golpe da morte individual. (Lacan, 1964/2008, p. 194)

Lacan, em seu seminário anterior, sobre *A angústia*, discorre longamente sobre as relações diretas que se estabelecem entre falta, sexo e morte, alçando, assim, o lugar privilegiado que o erótico ocuparia justamente por seu fácil deslize metonímico em direção à confrontação tanto com a finitude quanto com o impossí-

vel (Lacan, 1962-1963/2005). A crença nesse tempo mítico-primordial, porém, de completude e equivalência, alheio à morte e ao desencontro, anima a montagem da fantasia do sujeito, cuja função visa a dar conta de criar um anteparo que, virtualmente, não só orientaria o sujeito em direção à satisfação plena, mas, e principalmente, dissimularia os efeitos de suas topadas com esse real que não cessa de não se inscrever. Dado que esse *a*, causa de desejo, encontrado do outro lado do sujeito no matema da fantasia, tem como principal característica sua ex-sistência, ou seja, trata-se de um objeto êxtimo e inalcançável, a completude fica relegada ao impossível, cabendo ao amor fazer suplência a esse vazio de equivalência, como o poema ilustra. Nas palavras de Soler (2022, p. 39): “o lugar da barra no Outro que inscreve a falta significante, que é o próprio lugar do objeto causa”.

As topadas com esse impossível, causa e consequência, uma vez que é cavado no mesmo ato em que se estabelece o simbólico e despenca o *a*, são diversas, mas, primordialmente, o desencontro sexual, expresso nas cenas originárias, é tido como seu modelo original, cuja repetição leva Freud a formular a noção do trauma em dois tempos e formular e reformular sua teoria da angústia. Retomando a indissociabilidade entre sujeito e meio, em seu seminário *A angústia*, Lacan (1962-1963/2005) explicita que o falo não seria o significante primordial do sexo se não houvesse uma cultura que postulasse tamanha importância à consumação sexual. Ou seja, por trás do trauma sexual há um contexto dado, e esse contexto é justamente o meio social, burguês, que deposita no sexo um enorme valor.

Do individual ao coletivo

Para retomarmos a questão central do presente artigo e darmos continuidade às reflexões acerca da experiência de segregação inscrita pelas novas dinâmicas urbanas na cidade moderna, é crucial estabelecermos o terreno e demonstrarmos como a psicanálise se apresenta como campo epistemológico crucial para tais elaborações.

Seguindo a reflexão de Lacan sobre o lugar privilegiado que o falo ocupa por sua imbricação com a valorização cultural ao qual está submetido, Lacan pensa a constituição do sujeito contígua a seu meio social. Ao deslocar o eixo da compreensão da psicopatologia de um entendimento organicista para uma concepção compreensiva (Ogilvie, 1991), a influência do meio no qual o sujeito se forma passa a ser primordial. Enquanto a psiquiatria organicista moderna parte de um entendimento a respeito da psicopatologia pautada na pressuposição da existência efetiva de um “grau zero”, referência de normalidade, e cujo ideal de harmonia seria perturbado por uma interferência externa, aos moldes do padrão da medicina científica e de sua descoberta correlata dos agentes patógenos, Lacan (1932/1987), desde sua tese doutoral, preocupa-se com uma construção teórica que compreenda o meio e a história do sujeito para, a partir desse referencial, pensar nos recursos dos quais esse lança mão para dar conta de seu entorno. Desde então, Lacan coloca o friso dos laços

humanos na linguagem. Fruto da prematuração, da necessidade de se recorrer a outros para a satisfação de suas necessidades e de sua presença anterior à emergência do *infans* como sujeito, o discurso é o traço distintivo do sujeito humano.

Partimos dessa breve retomada do lugar da incidência do simbólico e de sua indissociação do meio social e cultural para assim situarmos o Outro como esse grande referente responsável pela báscula entre individual e social no ensino de Lacan. Podemos, para fins didáticos, situar três grandes campos primordiais referidos ao Outro, como conceito, ao longo do ensino de Lacan: (i) o Outro como tesouro dos significantes; (ii) o Outro imaginarizado, encarnado tanto pelas figuras primordiais de cuidado quanto, posteriormente, por outros especularizáveis alçados a seu valor por sua relevância dentro da cadeia associativa do sujeito; e, por fim, (iii) o Outro como instância de regulação e reconhecimento. Portanto, podemos incorrer em pensar esses três tempos em consonância, respectivamente, com o simbólico, o imaginário e o real. Ao longo de seu ensino, o papel do Outro parece acompanhar os desenvolvimentos da teoria de Lacan em direção ao impossível do real, o que está logicamente relacionado com esse mesmo movimento, uma vez que, conforme o ponto de partida do presente artigo propõe, entre Outro e sujeito não há rompimento possível; há sempre esse terceiro em nós.

A demonstração do Outro como instância estabelecida pelo meio social e instância primordial de referência viabiliza que a sociedade possa ser compreendida como a expressão desse Outro que aglutina em si tanto as dimensões estruturais, cujas coordenadas servem de referência ao sujeito para que ele ordene sua cadeia significante, quanto históricas; bem como viabiliza que manifestações fenomênicas sociais possam ser lidas como um todo, não apenas a partir de um recorte individual. Assim, se pensarmos o Outro como a sociedade em sua expressão, como meio histórico e cultural, intrínseca à estrutura normativa oriunda do vínculo linguístico entre humanos, podemos pensá-la, como propõe Safatle (2020), como um sistema de normas e regulações. Como Lacan (1957-1958/1999) coloca em seu seminário sobre *As formações do inconsciente*, ao situar o grafo do desejo como correlato à fala e seu campo, o autor formaliza que o esquema demonstra as duas cadeias paralelas, do discurso e da cadeia significante, e a sobreposição de ambas. Entre discurso — esse entendido como “fala vazia” a essa altura de seu ensino, ou seja, correlato ao discurso enunciado e esvaziado da verdade do sujeito — e cadeia significante — essa, por sua vez, como a complexa montagem realizada a partir da demanda ao Outro feita pelo sujeito em qualquer ato de fala, estando em jogo nessa tanto o desejo singular do sujeito quanto o ideal inferido como do Outro — não haveria distinção possível, uma vez que, como apresenta o grafo, ambos se entrecruzam e não existem isolados um do outro.

Explicita-se, assim, que o entendimento de linguagem de Lacan amplia largamente seu escopo tradicional, não só complexificando o que é a linguagem, como

nos revelam o grafo e toda a formalização acerca da incidência da cadeia significativa no sujeito, mas os efeitos dessa na formação das subjetividades, cujo papel culmina na noção de que, a partir da incidência da linguagem, nada resistiria a ela. Retomando o poema de Baudelaire e a gramática de afetos em circulação na cena, como podemos pensar os impactos na linguagem dos empreendimentos de renovação encampados pelas dinâmicas da modernidade?

Os afetos do Outro na modernidade: como repensar a sensibilidade?

Em *O circuito dos afetos*, Safatle (2020) retoma *O processo*, romance de Kafka (2005), para demonstrar como o lugar da lei moderna, acima de tudo, condiciona um circuito dos afetos. Retomando Freud (1921/2011), em “Psicologia das massas e análise do Eu”, o autor demonstra como são os afetos que nos abrem para vínculos de natureza social, sendo o desamparo e sua contrapartida, o amor, esse expresso como demanda a um líder capaz de produzir um alívio à condição faltante, os afetos fundamentais para a construção de movimentos de massa. O cerne de sua discussão demonstra que é a partir do desamparo estrutural que se monta uma organização social; a partir de uma falta estrutural, revestida por um afeto duplamente condicionado, tanto estrutural quanto socialmente, aponta-se para uma inscrição em uma dinâmica discursiva, essa terminantemente imersa em um ambiente social que se oferece como solução a uma questão estrutural. Seja em regimes autoritários ou democráticos, continua Safatle (2020), o paternalismo se apresenta como resposta capaz de domar o desamparo, seja pela oferta de um amor capaz de dissimulá-lo, seja pela via repressiva do medo² que a figura de autoridade paterna encarna.

Soler (2022), por sua vez, em *Os afetos lacanianos*, começa sua exposição recuperando Freud (1926/2014), em “Inibição, sintoma e angústia”, apontando para a angústia como o afeto primordial expresso pelo encontro com o real. A autora aponta para a relevância desse tempo da obra de Freud pela reversão que opera: a partir desse texto, o recalque passa a ser localizado *a posteriori*, sendo a angústia sua causa. Nessa segunda teoria da angústia há, portanto, uma importante inversão na compreensão do papel dos afetos, a que Lacan retomará posteriormente, alçando a angústia ao patamar de afeto fundamental, sendo esse o “afeto que não engana” (Lacan, 1962-1963/2005). Por sua incidência ser anterior à do recalque, essa serviria de sinal, alertando onde o impossível do real estaria por advir. Então, se não o recalque, qual seria a causa dessa angústia? Ao que Soler responde: o desamparo.

O discurso de certo tempo condiciona as subjetividades, inclusive suas formas e manifestações afetivas. Lacan (1969-1970/1992), ao longo de seu seminário

² Ver Safatle (2020), em que o autor discorre longamente sobre a perspectiva hobbesiana de poder e a localização que esse autor, criador do conceito de Estado moderno, propõe do medo como afeto fundante de toda a estrutura de governança social.

O avesso da psicanálise, demonstra como, na modernidade, a dita queda das metanarrativas leva à degenerescência dos significantes-mestres: morre-se *de* vergonha em vez de se morrer *por* vergonha. Em sua *Conferência de Milão*, Lacan (1972), ao apresentar o discurso capitalista, quinto discurso, que complementa os quatro apresentados em 1963, demonstra o funcionamento desse discurso que rompe com os laços sociais e oferta um objeto de gozo ao sujeito como resposta ao desamparo.³

A modernidade, de acordo com Safatle,

(...) compreende a si mesma como momento de ruptura com todo fundamento teológico-religioso dos vínculos sociais. Há uma articulação central entre racionalização dos vínculos sociopolíticos e crítica aos fundamentos religiosos do poder que parece indissociável da própria produção da consciência da modernidade (...). (Safatle, 2020, p. 57)

Berman (1986), por sua vez, aponta que esse reposicionamento da consciência moderna promove um permanente estado de renovação. O passado deve estar em constante processo de destruição, abrindo, assim, espaço para a emergência da novidade e da tecnologia, capaz de dominar a natureza e controlar os indivíduos. A partir dessa observação, sua conclusão demonstra que a grande guinada da modernidade se dá no salto em direção à segregação social. Uma vez produzida a ruptura moderna com as justificativas teológicas, resta o desvelamento do funcionamento do mundo, e com ele emerge a função da segregação social. Essa, portanto, não é criada pela modernidade, mas é por ela revelada.

O advento do Iluminismo rompe com as inscrições simbólicas tradicionais capazes de assegurar um lugar e uma explicação aos fenômenos sociais e naturais que apontam para o real. A ciência moderna substitui a religião, porém o lugar do poder controlador do destino permanece vacante. À emergência angustiante, responde-se com um sintoma: se Marx inventou o sintoma (ver Zizek, 1996, pp. 297-331) é porque a dinâmica moderna do capital condicionou meios de aplacar o angustiante perante o que não pode ser inscrito.

Ao encarar a falha estrutural, que não conhece a dimensão temporal de afetos como o medo e a esperança (Safatle, 2020), cai-se em um espaço-tempo indeterminado, cuja experiência mais se aproxima do *Unheimlich*, da estranheza familiar, desconhecida e reconhecida, cujos vetores apontam justamente para esse angustiante desamparo.

³ Ver Pacheco Filho (2015, pp. 15-44) para um debate aprofundado sobre o discurso do capitalismo e os imperativos de gozo que esse condiciona.

Em sua localização histórica, o sujeito moderno, sem ter a que recorrer, vê-se em uma condição de responder sintomaticamente, pois é desse desamparo que a sociedade moderna nada quer saber. Êxtimo, esse estranho íntimo que condiciona a pobreza, evoca um circuito de afetos-sintoma capaz de reordenar o simbólico diante do horror do desavoramento social, encarnado por esse *Unheimlich*-andarilho da cidade moderna. Freud, em seu texto homônimo de 1919, começa suas elaborações evocando a estética para começar a caracterizar o fenômeno que visa a descrever (Freud, 1919/2021). Ora, a família de olhos de Baudelaire é isto: uma família burguesa, aos moldes da dos amantes, porém privada dos meios de gozo que eles desfrutam e perturbando sua experiência estética promovida pela renovação moderna.

Por fim, podemos tomar o discurso do analista como uma potente via de elaboração, ao romper com o discurso do capital e recolocar a falha como causa.

Quando o discurso do analista reinstaura a verdade do sujeito, fundamentalmente ele reinstaura a referência à castração, ou seja, ao mal-estar na cultura. Ao contrário do discurso do capitalista, que quer foracluí-la, seguindo o modelo da perversão: $a \rightarrow \$$, o discurso do analista se sustenta na impossibilidade. (Alberti, 2000, p. 9)

Diante da pobreza desagregadora, o discurso do analista pode oferecer um modelo de construção política crítica, apontando no discurso do capital, e em suas produções de *gadgets*, sua função de foracluir a falta. Tomar como emergência acontecimental os embates urbanos de classes e reconhecer o desamparo como condição estrutural, restringindo sua capacidade desarvoradora, ao garantir condições básicas de humanidade, valendo-se, assim, das conquistas modernas, pode tornar possíveis laços verdadeiramente revolucionários e inquietos em face da segregação, fundando uma nova gramática capaz de romper com a norma estabelecida, trazendo a porção de alma humana escondida (Berman, 1986) de volta ao centro do discurso.

Conclusão

Baudelaire (1855-1864) sintetiza, em “Os olhos dos pobres”, a vivência urbana do encontro da burguesia com a pobreza. A pobreza, com o advento do discurso da modernidade, que substitui o modelo teológico pelo racional-científico, apresenta-se como um efeito real da segregação e da desigualdade, fruto do discurso de seu (e também nosso) tempo, que legitima a divisão do mundo a partir de relações comerciais, caindo em uma contradição interna ao, simultaneamente, valorizar a vida humana, mas também deixar cair, como dejetos sociais, parte de seus cidadãos. A era das luzes, assim, escancara sua face sombria: o modo de produção capitalista revela-se mais preocupado com a acumulação do que com a ampliação do acesso a meios de subsistência capazes

de conceder uma vida digna ao proletariado e aos que ficam de fora de seu circuito. O que resta, então, à burguesia, agente da acumulação de capital? Ao se deparar com a pobreza nas grandes vias abertas pela modernidade, desperta-se o *Unheimlich* de se ver confrontado por esse estranho familiar, que, como o narrador do poema expõe, ao ver a família de olhos diante de si, “(...) começa a sentir-se incomodado, ‘um pouco envergonhado de nossos copos e garrafas, grandes demais para a nossa sede’. Surpreende-se tocado por essa família de olhos e sente alguma afinidade por eles” (Berman, 1986, p. 145). Reconhece-se a humanidade, mas o circuito dos afetos modernos prescreve um recrudescimento dessa, tal como a amada sustenta, ao se queixar da família que os observa. Na cidade moderna, a sensibilidade deve ser gradualmente desmontada, tal como prescrevem as terapias comportamentais de progressiva exposição a estímulos traumáticos. Com tantos impactos de cunho traumático ocorrendo simultaneamente, o sujeito moderno não pode estar permeável a todos esses adventos, se deseja continuar a performar o ideal de produtividade que lhe é imposto, erigindo sintomas que promovam seu distanciamento da realidade em seu entorno.

Foram os bulevares parisienses, zonas fronteiriças entre o público e o privado, que promoveram o florescimento artístico e intelectual de pelo menos cinco gerações de filósofos, escritores, pintores e cineastas burgueses. Porém, para quem a cidade e o movimento modernos podem atuar como inspiração? “Sob essa nova luz, sua felicidade pessoal aparece como privilégio de classe” (Berman, 1986, p. 149). O discurso capitalista força o desenlace, inclusive entre os amantes, cujas compreensões do encontro com a pobreza divergem. Berman segue sua reflexão:

O bulevar os força a reagir politicamente. A resposta do homem [narrador do poema] vibra na direção da esquerda liberal; ele se sente culpado em meio à felicidade, irmanado àqueles que podem ver, porém não podem desfrutar dela; sentimentalmente, ele deseja torná-los parte da família. A afinidade da mulher — ao menos nesse instante — está com a direita, o Partido da Ordem: nós temos algo que eles querem; logo, o melhor é “apelar para o gerente”, chamar alguém que tenha o poder de nos tornar livres deles. (Berman, 1986, p. 149)

Safatle (2020) nos auxilia a pensar novas formas de produzir a partir dessa topada bem ilustrada por Baudelaire: pensar um modelo político que produza não apenas pelos laços de amor, formados a partir do desamparo, mas, sim, enxergar uma via política centrada no impossível que se revela por esse acontecimento real, e apostamos que tal construção pode ser instigada pela via do discurso do analista, com o giro discursivo que promove e seu consequente reposicionamento do lugar da falta, que passa a atuar como agente de um laço que promova um redesenho das formas sintomáticas, abrindo à permeabilidade o plano do sensível.

Referências bibliográficas

- Alberti, S. (2000). *O discurso do capitalista e o mal-estar na cultura*. Rio de Janeiro. Recuperado em 20 de outubro, 2023, de <https://shorturl.at/bzTY2>
- Baudelaire, C. (1855-1864). *Os olhos dos pobres*. Recuperado em 10 de outubro, 2023, de https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1973619/mod_resource/content/1/BAUDELAIRE%20-%20Os%20olhos%20dos%20pobres.pdf
- Benjamin, W. (1995). *Obras escolhidas III – O narrador; Charles Baudelaire – um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense.
- Berman, M. (1986). *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do Eu. In S. Freud. *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad.) (Vol. 15, pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud. *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad.) (Vol 17, pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (2021). O infamiliar. In S. Freud. *O infamiliar e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1919)
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp.
- Kafka, F. (2005). *O processo* (M. Carone, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Lacan, J. (1972). *Conférence à l'université de Milan, le 12 mai 1972*. Recuperado em 20 de outubro, 2023, de <https://shorturl.at/oqU13>
- Lacan, J. (1987). *Da psicose paranóica e suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1932)
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (2a ed.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Ogilvie, B. (1991). *Lacan: a formação do conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Pacheco Filho, R. A. (2015). Compra um Mercedes Benz pra mim? *Psicologia Revista*, São Paulo, 24(1), 15-44.
- Safatle, V. (2020). *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Soler, C. (2022). *Os afetos lacanianos*. São Paulo: Aller.

"Todos em farrapos": o circuito sintomático produzido pela segregação social na modernidade

Zizek, S. (1996). Como Marx inventou o sintoma? In *Um mapa da ideologia* (pp. 297-331). Rio de Janeiro: Contraponto.

Recebido: 01/06/2023

Aprovado: 15/06/2023